

FALCOARIA – Portugal

Resumo

A falcoaria é uma modalidade de caça praticada em Portugal desde o séc. XII e assinalada no território desde a fundação da nacionalidade. Praticada por homens e mulheres um pouco por todo o país, a quem se dá o nome de falcoeiros, a sua prática manteve-se, em grande parte, inalterada ao longo dos séculos. Ainda hoje os falcoeiros utilizam técnicas, nomenclatura e materiais que distinguem esta prática ancestral. O respeito pela ave de presa, pela presa e pela Natureza são fundamentos de cada falcoeiro. A beleza do lance de caça é o valor máximo da falcoaria.

Caracterização

A falcoaria consiste na utilização de aves de presas treinadas para a caça de animais selvagens no seu ambiente natural. Para isso o falcoeiro tem de munir-se de conhecimentos específicos sobre as aves de presa, o seu treino, sobre as espécies a capturar e seus habitats. O falcoeiro deve usar a sua sensibilidade e os conhecimentos desenvolvidos pela falcoaria, ao longo de séculos, para treinar a ave de presa e a manter em excelentes condições. Isto envolve cuidar da sua saúde e melhorar continuamente a sua condição física. Depois do processo de treino, falcoeiro e ave de presa, forjam uma parceria única. No ambiente natural das suas presas esta parceria procura vencer as estratégias naturais de fuga da presa para conseguir a sua captura. O valor mais elevado nesta demanda é o da beleza do lance de caça e não a da captura da presa.

"Na prática distingue-se entre o alto-voo e o baixo-voo:

O **alto-voo** é o mais espetacular e também o mais difícil, o mais exigente e o que reúne um maior número de condicionalismos, a par de uma menor rentabilidade na captura de peças. Neste tipo de lance são usados falcões que perseguem as suas presas no ar durante grandes distâncias e muitas vezes a grande altura. Este foi, pela sua beleza, o lance clássico da falcoaria europeia. O falcão necessita estar nas melhores condições físicas para conseguir superar a sua presa, uma vez que muitas das capturas dão-se em pleno voo.

A **altanaria** é considerada uma vertente do alto-voo. Neste lance, o falcão é solto antes da peça de caça levantar voo, de modo a que ascenda sobre o terreno de caça - "remontando" - até se colocar bem alto (na ordem da centena de metros), onde aguardará descrevendo pequenos círculos ou "tornos". Ao levantar-se a caça, o falcão cai do céu num perforante e rapidíssimo voo picado, podendo atingir velocidades próximas



dos 300 km/hora. A maioria das capturas ocorre em voo, mas ocasionalmente algumas presas são mortas por impacto. Esta modalidade requer grandes espaços abertos, pouco arborizados. Caçam-se aves como corvídeos, patos, perdizes e faisões.

Aves de presa utilizadas:

As aves de presa, em linguagem cetrreira, são caracterizadas de acordo com alguns aspectos práticos:

"Nobres" e "Ignóbeis". Referem-se a determinados atributos psicológicos e físicos que determinam, ou não, capacidades especiais das aves, entre estas a rapidez de voo e as formas de atacar e prear. A forma de alimentação é também uma característica de diferenciação. Estão aquelas aves que no seu meio natural não se alimentam de cadáveres, possuem um psiquismo próprio e são rápidas e fulminantes nos seus voos de caça. Estas são as designadas como "nobres" e incluem os diversos e verdadeiros Falcões (género *Falco*) e os Açores e Gaviões (género *Accipiter*). As "ignóbeis" são todas as outras aves rapaces, incluindo as Águias. Podem alimentar-se de cadáveres, são, de um modo geral, de evolução lenta nos seus voos e apresentam um psiquismo diferente, mais oportunista que as anteriores.

De **"alto-voo"** e de **"baixo-voo"**. Dentro das aves "nobres", consideradas as autênticas aves de cetraria, há que distinguir as de "alto-voo", ou seja, os Falcões, e as de "baixo-voo", ou seja, os Açores e Gaviões.

Idades, plumagens e sexos. As aves de cetraria mudam as suas penas uma vez por ano. Deste modo, a idade da ave é determinada pelo número de mudas efectuadas sendo frequentemente usada a expressão *"tal ave tem tantas mudas"* para fazer referência à idade da ave. O termo "entremudado" é atribuído aos indivíduos que somente realizaram a primeira muda, conservando ainda, por conseguinte, algumas das penas de juvenil. Em cetraria, a ave "nobre" de sexo masculino é designada por "terçó" e a de sexo feminino por "prima". Estes termos estão relacionados com o facto de os "terços" serem, segundo se afirma, cerca de um terço mais pequenos que os "primas". Uns e outros têm as suas vantagens em cetraria: os "terços" são mais ágeis, enquanto os "primas" são mais poderosos. (Em cetraria as aves "nobres" são referidas no masculino).

Lista de material utilizado em cetraria por ordem alfabética.

EQUIPAMENTO:

Alcândora: vara onde se mantêm poisadas as aves caçadoras. Para evitar enleies da "avessada" e "piós", suscetíveis de causarem desastres, a "alcândora" tem inferiormente um saioite de lona, de pano ou de coiro.

Aljaveira: pequena bolsa de coiro de pendurar no cinto, para transporte de viandas e picadas a dar às aves caçadoras. Serve também para transportar utensílios de Cetraria. (Deriva de "Aljava": bolsa mais pequena e de linho, e que, segundo Carolina Michaëlis de Vasconcellos, veio a dar o moderno termo aljibeira).

Apito: de bom som, sempre com o mesmo sinal, para chamar de longe a ave de Cetraria. Pode, em sua substituição, empregar-se um chamamento gutural que se denominará por "Reclamo" (não confundir com



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE FALCOARIA



a "Grita", uma voz estimulante que terá o duplo fim de advertir a ave de Cetraria do levante da caça e, ao mesmo tempo, provocar esse mesmo levante).

Arco: em madeira ou metal, simula um ramo de árvore para manter as aves de baixo-voo no "jardim".

Avessada: correia, de cerca de um metro e meio a dois metros de comprimento, de coiro curtido a cromo para, em ligação com as "piós", por meio do "tornel", sujeitar as aves caçadoras às "alcândoras" e aos "bancos".

Banco: tronco de cone invertido, geralmente de madeira, com haste inferior de ferro, que se crava no solo arrelvado do "jardim". Desenhado para o repouso das aves de Cetraria ao ar livre.

Banho: recipiente com água fresca e límpida, colocado no "jardim". Sempre à disposição das aves caçadoras para beberem e banharem-se. Bornal: bolsa de coiro, de pendurar a tiracolo, com forma típica da Cetraria. Maior que a "aljaveira", além do transporte de utensílios, é também utilizada para transportar alimento para a ave e, incluso, para o seu cetreiro.

Balança: indispensável para o registo diário do peso da ave. Com ela aferimos a condição corporal da ave e a quantidade e qualidade de alimento a administrar.

Caparão: capuz de coiro para cobrir a cabeça das aves de Cetraria, tapando-lhes a visibilidade, a fim de se manterem tranquilas. Necessário para os Falcões de "altanaria", é dispensável para o Açores bem adestrados. Aperta-se e alarga-se (ou fecha-se e abre-se) ao nível do pescoço, à altura da nuca, por meio de correias denominadas "serradoiros".



Vários modelos de caparão

Cascavéis: guizos típicos de bom som que, presos aos "sancos" ou tarsos das aves de Cetraria, permitem localizá-las mais facilmente entre o arvoredo, matos, ervas altas.

Faca-de-caça: pequeno punhal-faca, utilizado para abreviar o fim das peças preadas e também para facilitar a "cortesia", pedaço da presa que se oferece como prémio à ave caçadora.



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE FALCOARIA



Fiador: cordel longo, de quinze a vinte metros, de boa consistência, para assegurar os primeiros voos ao punho, sem perigo de extravio da ave.

Luva: de forma tradicional, com borla de coiro no ângulo inferior do canhão. Se destro, o cetreiro leva-a na mão esquerda.



Luva, cascavéis, pió, tornel e avessada

Malhos: pequenas correias que sujeitam os "cascavéis" aos "sancos" das aves caçadoras.

Piós: correias, com cerca de vinte centímetros de comprimento, colocadas em volta dos "sancos" das aves caçadoras, para as sujeitar ao punho ou, em ligação com o "tornel" e "avessada", às "alcândoras" e aos "bancos". O singular deste vocábulo é "pió" e o género é feminino. Quando a ave de Cetraria está aparelhada com as suas "piós", "malhos" e "cascavéis", diz-se estar "guarnecida".

Rol: negaça para chamar do alto os Falcões em voo. É normalmente confeccionada em coiro, forrando uma armação em forma de ferradura de cavalo (ou mesmo uma ferradura) e cosendo-se-lhe, tradicionalmente, em cada face exterior, um par de asas de ave. No meio contém dois "atadores" que prenderão a carne de "encarnar" o "rol". Preso por uma correia, o "rol" é volteado (ou "rolado") no ar, ao mesmo tempo que se vai chamando o Falcão que deverá, então, "fazer-se a ele", consentindo-se-lhe, por prémio, que saboreie umas picadas do alimento atado no "rol". Para os seus Açores ou para as suas Águias, costumam os cetreiros atraí-los com "negaça" de arrasto, confeccionada de pele de lebre, de coelho ou de raposa, contendo igualmente "atadores" para "encarnar".

Telemetria: a maior revolução dos métodos milenares da cetraria, em especial para os praticantes de alto voo. Consiste num conjunto constituído por um emissor e um recetor, sendo o primeiro de construção ligeira, que lhe permite ser transportado pela ave. O emissor emite um sinal que é captado pelo recetor, indicando ao falcoeiro a direção onde se encontra a sua ave.



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE FALCOARIA



MEMORIA
imaterial
Cooperativa Cultural

IELT
INSTITUTO DE ESTUDOS DE LITERATURA TRADICIONAL
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS - UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

FCSH FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA





Equipamento de Telemetria

Tornel: pequeno duplo-anel metálico com eixo, para ligar as "piós" à "avessada", facilitando o destorcer. Ao conjunto das "piós", do "tornel" e da "avessada" dá-se o nome de "peias".

Treina: peça de caça pré-capturada para largar durante o treino da ave caçadora. Haverá o maior cuidado em não consentir que a ave de Cetraria contraia o péssimo hábito de "sopezar", isto é, de fugir com a peça que preou.

Varais: varas formando um retângulo, com suspensórios e quatro pés, que permitem transportar ao campo de caça várias aves de Cetraria ao mesmo tempo, de modo a que umas descansem, enquanto evoluem outras.

INSTALAÇÕES:

As aves de Cetraria - não devem ser mantidas em gaiolas ou jaulas, devido ao risco de partirem rémiges e retrizes e ferirem as ceras dos bicos contra as grades ou redes. Mantêm-se nas "mudas" e no "jardim".

Mudas: dizem-se das casas onde permanecem as "aves-nobres", pois, por vezes, aí são mantidas durante toda a época da muda das penas. Fora dessa época são habitualmente colocadas no "jardim", de onde, ao fim do dia, são recolhidas e instaladas nas "mudas" para pernoitar. As "mudas" também se designam por "falcoeiras" e "açoreiras" ou simplesmente por "falcoaria".

Jardim: terreno relvado onde as aves de Cetraria, durante o dia, permanecem, repousam e tomam banho.

Existem outras actividades que se aparentam e relacionam com a falcoaria, como são as demonstrações de aves de presa, controlo de fauna, etc. No entanto, não se podem considerar como tal."

Fotos e texto in <http://www.apfalcoaria.org/> Fotos - Foto© MarshallRadio



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE FALCOARIA



História e Origem

Não sendo possível apontar com precisão uma data para o início da prática da Falcoaria, podemos balizar o seu aparecimento como uma forma de subsistência, utilizada pelo Homem, que desempenhava um papel de espectador ativo, assistindo à forma eficaz com que falcões e outras aves de presa capturavam outras espécies, muitas vezes de porte superior ao seu.

Com o passar do tempo, o Homem percebe que ao invés de roubar as presas aos falcões, seria mais vantajoso treina-los a devolvê-las, sendo a partir de então possível falar-se de Falcoaria, momento em que surge a interação entre Homem e Falcão.

Ao Homem compete não só o adestramento dos falcões, como o seu bem-estar e segurança. Do falcão espera-se que utilize as suas verdadeiras e naturais qualidades de predador, em prol desta equipa, onde lhe cabe o papel de intermediário, aguardando a recompensa pelo seu desempenho.

Podemos apontar algumas datas, em que, seguramente, já se caçava com aves de presa. O primeiro exemplo é o de um baixo-relevo assírio, onde está representado um homem com uma ave no punho, encontrado nas ruínas de Korsabad, durante as escavações ao Palácio de Sargão II. Este é o mais antigo testemunho iconográfico que se conhece sobre falcoaria, podemos apontá-la como uma arte que se pratica, pelo menos, desde o ano de 1400 a. C.

No Egito, os falcões surgem como uma representação da re-encarnação divina do Deus Horus, Deus da Lua, do Sol e dos Faraós (Crespo, 1999: 7). Sabemos que era um animal sagrado, que não era utilizado para a caça, mas acreditavam que a sua imagem transmitia força e proteção, funcionando como amuleto da sorte.

Segundo M. S. Baêna e J. M. Bravo (Oito Séculos de caça em Portugal, Eurolitho: Lisboa, 1998), a chegada desta arte à Península Ibérica tem dois focos de disseminação: um a norte a partir da Europa Central, através dos Visigodos (séc. V) outro a Sul, com os povos do Norte de África (Berberes) e do Médio Oriente (Árabes).

As primeiras referências a este tema datam do ano de 506, quando as autoridades eclesiásticas proibem o Clero de praticar Falcoaria (Crespo, 1999: 63).

A Idade Média, sem dúvida, época de Ouro da Falcoaria em Portugal, assumiu na Europa uma técnica própria, incrementada tanto pelas elites como pelos grupos populares. Foi também durante este período que a falcoaria deixa de ser uma simples forma de caça e passa a ser uma das distrações prediletas da nobreza, ou, como dizia Fernão Lopes, “folgança e desenfadamento de príncipes e reis” segundo a descrição de (Crespo, 1999: 12).

Os falcões são utilizados como demonstração de poder e grandeza, fazem parte de armas e brasões, considerados de tamanha importância, funcionam muitas vezes como moeda de troca, inseridos nos dotes de casamento das princesas e para pagamento de resgates de guerra (Crespo, 1999: 13).



Eis a descrição de um desses episódios: “O Conde de Nevers, filho de Filipe, o Destemido, duque de Burgonha, foi feito prisioneiro dos Árabes na Batalha de Nicópolis. Aí visitou a falcoaria do sultão Bajazeto, que, segundo as descrições, albergava mais de sete mil falcoeiros e uma infinidade de aves de presa. O duque de Borgonha mandou então presentear o sultão com doze raríssimos falcões brancos. Como prova de gratidão, o sultão concedeu a liberdade a seu filho” (Baêna & Bravo 1998: 63).

Não é, pois, surpreendente que se tenha tornado prática comum os homens ilustres fazerem-se representar empunhando um falcão, nos quadros, em selos, moedas, etc., como forma de evidenciar a sua importância.

Como todo o desporto ou atividade que se pratica, a Falcoaria obedece a leis e normas que se foram incrementando ao longo dos anos. Por isso, desde o século XIII, vão-se escrevendo os primeiros “Tratados de Falcoaria” europeus. Ao tratados corresponde a fixação de verdadeiras normas que foram estruturando esta atividade.

Tal como a sociedade, também os falcões eram hierarquizados, sendo utilizados conforme a graduação social dos seus proprietários: “O gerifalte aos reis, os falcões aos príncipes e duques, as aves bastardas aos barões, o sacre aos cavaleiros, o ógea aos senhores, o esmerilhão às damas, o tagarote ao gentil-homem, o gavião aos clérigos, o açor aos alabardeiros, os peneireiros aos criados” (Crespo 1999: 13).

Podendo afirmar-se que, tal como o país, também a Falcoaria passou por um período de interregno. São poucas as referências documentais referentes à prática da Falcoaria em Portugal, durante a dinastia filipina, no entanto é neste período que Diogo Ferreira, descendente de uma família de falcoeiros, na altura com sessenta anos de idade, edita o livro “Arte da caça de Altanería”.

No século XVIII inicia-se um novo período de Falcoaria no nosso país, associado agora à construção da Falcoaria Real de Salvaterra de Magos.

A localização junto do Rio Tejo, que permitia tanto a caça de aves ribeirinhas, como as garças-reais, a proximidade a Lisboa, a par das suas coutadas reais, onde abundavam as presas, podem ter sido condicionantes favoráveis para a construção de um Paço Real, de um teatro de ópera e também da Falcoaria Real, a única existente em Portugal e atualmente na Península Ibérica.

Com efeito, a caça foi o principal motivo para as frequentes deslocações da Corte portuguesa a esta vila, que, durante as temporadas da caça, funcionava como uma espécie de “capital do reino” como o demonstram alguns documentos e decretos assinados em Salvaterra de Magos durante esse período.

Alguns acontecimentos históricos mais relevantes permitem constatar que já desde o século XIII existiam em Salvaterra condições para poder receber Embaixadores e gente ilustre, como comprova o contrato de casamento da Infanta D. Beatriz com o Rei D. João de Castela, realizado nesta vila em 1383 (Correia & Guedes, 1989:11).



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE FALCOARIA



A caça podia ser o principal atrativo para as deslocações da Corte a Salvaterra de Magos, no entanto a vila oferecia uma série de distrações equiparada a um centro de cultura por excelência, onde para além de se ocuparem da sua forma de desenfadamento predileta – a caça - podiam ainda assistir ao Teatro de Ópera.

Foi neste contexto que no século XVIII se constrói a Falcoaria Real em Salvaterra de Magos, construindo-se edifícios próprios para acolher falcões e falcoeiros. Esta vila reunia todas as condições para a construção da única Falcoaria Real portuguesa, como já foi mencionado, a sua localização geográfica, a proximidade com o Rio Tejo, que facilitava a caça a aves pesqueiras, e as suas magnificas coutadas, foram certamente uma mais-valia.

Durante o reinado de D. Maria I e de D. João VI, esta atividade começa a decair, tendo estes monarcas um especial interesse na montaria e na caça às perdizes, embora se tenha mantido o funcionamento da Falcoaria Real de Salvaterra de Magos (Melo, 1998).

A fuga da família real para o Brasil, motivada pelas invasões francesas e o clima de instabilidade política que se seguiu dá origem a um novo declínio na Falcoaria em Portugal, entenda-se declínio desta prática de caça e do edifício. A caça estava tão enraizada nos costumes da corte portuguesa, que chegam a ser enviadas perdizes para o Rio de Janeiro, para que o rei se pudesse distrair com um dos seus passatempos de eleição.

“O Príncipe, lá do Brasil, preocupado com as perdizes que não chegavam vivas à corte do Rio de Janeiro, impedindo-o de se divertir na caça, punha em causa a atuação do Monteiro Mor em exercício” (Melo, 1998: 59)

As invasões francesas, a decadência do edifício da Falcoaria Real de Salvaterra, o aperfeiçoamento das armas de fogo e até mesmo a abolição das coutadas reais, conduzem ao “ao aniquilamento total: um que outro cetreiro, um que outro agrupamento, mantiveram na Europa a chama viva de um fogo antigo”. (Bravo,1982: 484)



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE FALCOARIA



Fotografias



Pedro Féria – falcoeiro



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE FALCOARIA



United Nations
Educational, Scientific and
Cultural Organization



UNESCO Chair in Intangible Heritage
and Traditional Know-How: Linking Heritage
University of Évora



MEMORIA
imaterial
Cooperativa Cultural

IELT
INSTITUTO DE ESTUDOS DE LITERATURA TRADICIONAL
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS - UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

FCSH FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA



Falcoaria Real - Salvaterra de Magos



Bornal



Caparão



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE FALCOARIA





Falcão Lanário



Falcão Gerifalte



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE FALCOARIA





Falcão Sacre



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE FALCOARIA

